

## Quebradeira de coco babaçu

Babaçu, em tupi-guarani, significa coco grande. O nome científico é *Attalea speciosa*. Speciosa, do latim, quer dizer belo. Belo e resistente, o babaçu nasce sozinho, só com alguma ajudinha de roedores, como cotias e pacas. Eles retiram a parte externa do fruto, facilitando sua germinação e dispersão pela natureza.

Tocantins, Piauí, Pará e, principalmente, Maranhão são os estados onde está a maior concentração da planta. São também os lugares onde estão as quebradeiras de coco, mulheres que tiram do babaçu o sustento de toda a família. Em todo o Nordeste, 350 mil delas trabalham com o aproveitamento do fruto. "O babaçu é tudo na minha vida. Foi com o que criei meus filhos, foi quebrando coco", conta Raimunda Barbosa, 79 anos, a mais velha quebradeira da comunidade. "A gente costuma dizer que uma palmeira é uma mãe que dá sustento a uma família, a vários filhos", emenda a quebradeira Maria da Glória Belfort.

No Maranhão, diz-se que quebrar coco não é ofício que se aprende: já se nasce quebrando babaçu. Francisca de Matos quebra coco desde pequena. Não sabe precisar há quantos anos faz o trabalho, nem ao certo quantos tem de vida. "Não é gostar, é precisão", diz. Nádia Pereira tem 16 anos e quebra coco desde os 7. Aprendeu com a avó e a bisavó. "É melhor [quebrar coco] do que ficar parada. Eu vendo para o comerciante, eu pego, compro roupa, sandália".

Ela mora em uma casa simples. Em vez de portas, um lençol separa o seu quarto, onde dorme em um cantinho. Em vez de guarda-roupa, uma prateleira e sacos abrigam seus pertences. Na cozinha, um monte de arroz vindo da roça do pai. O banheiro fica do lado de fora, como em muitas outras casas da região. Serve só para o banho de balde, com água do poço. As necessidades são feitas no mato.

Do babaçu, nada se perde. Da palha, cestos. Das folhas, o teto das casas. Da casca, carvão. Do caule, adubo. Das amêndoas, óleo, sabão e leite de coco. Do mesocarpo, uma farinha altamente nutritiva. "A gente diz que a palmeira é nossa mãe", resume Francisca Nascimento, coordenadora-geral do Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu. O tempo que o cacho com os cocos leva para cair é de exatos 9 meses. E é quando caem que entram em ação as quebradeiras de coco babaçu, grupo de cerca de 300 mil mulheres espalhadas em comunidades camponesas do Maranhão, Piauí, Tocantins e Pará, em uma área de **convergência** entre o Cerrado, a Caatinga e a Floresta Amazônica, especialmente rica em babaçuais. Há gerações essa tem sido a rotina dessas trabalhadoras: passar o dia coletando os cocos e quebrando-os ao meio para extrair sobretudo suas amêndoas, da qual se produz um dos óleos mais **versáteis** da natureza.

No entanto, a maior parte dos babaçuais está em grandes fazendas. As cercas foram erguidas nos últimos 40 anos por fazendeiros interessados em usar aquelas terras para a criação de gado e o cultivo de soja e eucalipto, muitas vezes por meio de **incentivos públicos**. Quanto às palmeiras, ou são derrubadas para a abertura de pastos e lavouras, ou permanecem ali, cercadas e inacessíveis às quebradeiras. “Eles fazem por maldade mesmo”, argumenta Francisca. “Não é porque precisam do babaçu, é porque não querem deixar a área aberta.”

Disponível na íntegra em:

**Quebradeiras de coco vivem da exploração do babaçu no MA.** G1. Disponível em:

<<https://reporterbrasil.org.br/comunidadestradicionais/quebradeiras-de-coco-babacu/>

<https://g1.globo.com/economia/agronegocios/globo-rural/noticia/2019/01/13/quebradeiras-de-coco-vivem-da-exploracao-do-babacu-no-ma.ghtml>>. Acesso em: 01 mar 2019.